

ilustrada ilustríssima

O propagador da democracia

[RESUMO] Biografia excelente detalha o percurso e as contradições do pensador francês Alexis de Tocqueville (1805-1859), herdeiro da aristocracia que dedicou sua vida e obra a defender os valores da democracia e da igualdade

Por **Paulo Henrique Cassimiro**

Professor do Departamento de Ciência Política da UFMG (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Quando iniciou sua viagem pela jovem República norte-americana em 1831, Alexis de Tocqueville levava consigo o peso da história francesa. Filho de uma família de militares da Normandia; pelo lado da mãe, de uma longa dinastia de nobres que ocuparam posições de prestígio e poder na burocracia estatal da monarquia francesa. Seu bisavô materno, Chrétien-Guillaume de Malesherbes — censor real que autorizou a publicação da enciclopédia iluminista —, foi um dos advogados de Luís XVI após o início da Revolução Francesa, em 1789. Seu avô, o marquês de Rosamba, foi presidente do Parlamento de Paris, órgão máximo do Judiciário no Antigo Regime.

Sua tia casou-se com o irmão de François-René de Chateaubriand, o mais importante escritor francês da primeira metade do século XIX. Em 1794 todos eles estavam mortos, enforcados ou guilhotinados pela revolução. Os pais de Tocqueville passaram 12 meses na prisão e foram salvos pela grandeza de Robespierre e dos jacobinos, em julho de 1794.

Nascido em 1805, Alexis de Tocqueville tinha tudo para ser um reacionário convicto, defensor da aristocracia francesa contra o legado da revolução.

Todavia, sua viagem pela América significou uma experiência definitiva para pensar o surgimento de um mundo político e social novo, cuja tendência à expansão não representava o destino inexorável de uma civilização que deixava para trás as estruturas hierárquicas e aristocráticas milenares e começava a se organizar a partir da reivindicação do princípio da igualdade.

Esse é o mundo que Tocqueville descreve em "A Democracia na América", ensaio e complexo relato de viagens publicado em dois volumes, em 1835 e 1840, que se tornou um texto definidor dos novos significados que atribuímos à velha palavra democracia.

É justamente a relação entre suas experiências pessoais, intelectuais e políticas e a escrita de seus textos mais importantes que o historiador francês Olivier Zunz acompanha em "O Homem que Compreendeu a Democracia: A vida de Alexis de Tocqueville".

A narrativa segue os anos de formação de Tocqueville, suas influências literárias e contatos pessoais, as razões para empreender a viagem aos Estados Unidos, suas reações aos acontecimentos políticos mais importantes do período, além de seu próprio engajamento com a política.

Tocqueville é eleito para a Câmara dos Deputados ainda durante a monarquia dos Orleans e, o priorizador imediato, para a Assembleia Constituinte após a Revolução de 1830.

Também foi, por um curto período de tempo, ministro das Relações Exteriores durante a presidência de Luís Napoleão Bonaparte, figura a quem desagrada a sobre quem, após o golpe de

Estado de 1851, pensou em dedicar um ensaio, desvendando suas estratégias despolíticas de conquista do poder, assunto sobre o qual Karl Marx escreveria posteriormente em "O 18 de Brumário de Luís Bonaparte".

Todas essas experiências são pano de fundo para que o livro nos conte como vai sendo construída a interpretação de Tocqueville sobre as mudanças sociais e políticas da Era das Revoluções.

O texto de Zunz, contudo, não trata apenas das influências e experiências que levaram o pensador a escrever "A Democracia na América". Escapando do senso comum, o livro nos apresenta suas posições menos conhecidas sobre temas como a colonização da América e a escravidão.

Tocqueville via como uma das condições de sucesso da igualdade na democracia americana a existência de uma sociedade de "cidadãos proprietários" — o fato de que a disputa por terras não era um problema central para os cidadãos daquela recém-criada República.

Quando, após a morte de Tocqueville, seu amigo e parceiro de viagens Gustave de Beaumont publicou seus trabalhos e correspondências inéditas em 1861, Saint-Beuve, o crítico literário mais importante e temido da França naquele período, escreveu que o autor de "A Democracia na América" "começou a pensar antes de saber o que quer que fosse".

Em verdade, se olharmos de perto seus manuscritos e suas cartas, vemos que toda a sua obra é realmente uma tentativa angustiada de definir e explicar uma experiência histórica nova, cujo nome nem sempre lhe era evidente, que indicava uma enorme incerteza a respeito de seu futuro.

Um mundo que apontava para transformações profundas nos valores e nas crenças que orientavam a vida ordinária dos indivíduos, o que Tocqueville chamou de democracia, dando à palavra um significado próximo daquele que usamos ainda hoje.

O livro de Olivier Zunz é uma excelente narrativa biográfica sobre as inovações e contradições das fascinantes obra e vida de Alexis de Tocqueville. **4**

O Homem que Compreendeu a Democracia: A vida de Alexis de Tocqueville
Olivier Zunz, editora Record, tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura, R\$ 105,00 (2019, 360p)

Continuação da pág. C8

Quando analisamos as pesquisas, o apoio é muito forte. Taxar grandes empresas ou bilionários para ajudar os países pobres a lidar com as mudanças climáticas tem mais de 80% de popularidade. Vai além de direita ou esquerda. É senso comum.

Elen Musk e o STF entraram em conflito sobre a liberdade de expressão. Isso não mostra que haverá resistência dos bilionários a propostas como a sua? É possível. Por outro lado, estamos falando em 3% de suas fortunas. Mesmo que eles não sejam chamados com essas fortunas — geralmente fazem —, elas rendem mais de 5% ao ano. Concordar em serem tributados nesse nível totalmente razoável não seria um investimento notável social por parte dos bilionários?

Eles podem alegar que já fazem filantropia. Detxaria de ser filantropia, porque seria um imposto logo, ele não seria corrente. Porém, ainda que seja puramente estratégica, pode ser do interesse deles. Estamos pagando nossa contribuição razoável para as sociedades em que vivemos? Não sei. Elen Musk entenderia isso, mas outros talvez se deem conta de que é um preço pequeno, comparado ao que poderia aguardar se se houvesse uma revolta popular e populista que saísse do controle. Um bilionário razoável deveria ser a favor.

Como o dinheiro seria aplicado? Poderia dividir as propostas em três "cestos": primeiro, as individuais. Quando as pessoas recebem dinheiro, podem se mudar temporariamente se houver uma emergência ou muito calor, podem se proteger e seus amigos não trabalhar por algum tempo se estiver muito quente. Durante a pandemia, quem muitos países saíram fazendo isso. Qualquer pessoa pode ter uma conta no celular, diretamente conectada a um grande "pipeline" de dinheiro.

Há quem diga: "Mas tem corrupção, o dinheiro não vai chegar". Não. Hoje há pesquisas demonstrando que as pessoas que recebem dinheiro o utilizam muito bem. Por isso, é a parte mais importante da proposta.

Depois, as propostas nacionais quando ocorre um desastre climático, os governos são sempre os senhores de última instância. Portanto, um resseguro para os governos.

Por fim, a adaptação, que pode ser em nível comunitário ou regional, as consequências das mudanças climáticas. No Brasil, há uma tradição muito forte de descentralização, que pode servir de exemplo.

O que a sra. responde a quem diz que as estimativas não estão corretas e que isso não vai acontecer? Não dá para dizer que não vai acontecer porque já está acontecendo. Nos países pobres, já é uma realidade. Basta ver as enchentes do ano passado no Paquistão, a seca intensa no norte da Índia. Tenho certeza de que você pode pensar em exemplos no Brasil. O Níger e todo o Sahel se tornaram áreas onde nada mais pode ser cultivado. Não se trata mais de uma questão do futuro: é uma questão do presente.

Não seria melhor enfrentar a própria existência de bilionários em vez de tributá-los? Estaríamos saindo do meio campo pragmático para entrar, por exemplo, na proposta de Thomas Piketty de tributar a riqueza em um nível muito mais alto para garantir que não haja bilionários — ou [tributar] as heranças. São propostas interessantes, mas não estão na mesa no momento. Minha pergunta é concreta: o que

podemos fazer hoje?

A partir do momento em que sua proposta for apresentada, quantos anos acha que seriam necessários para colocá-la em prática? Não faço ideia. Não sou muito familiarizada com negociações internacionais. No entanto, se pegarmos o exemplo da tributação de multinacionais, ela demorou uns dez anos até ser feita. Que seja em dez, mas acho que acontecerá e espero que aconteça.

O que a sra. pensa sobre o papel do intelectual na sociedade? Escolha a economia quando me dei conta de que o economista pode ter uma influência no mundo real. Na maior parte do meu trabalho com o I-PAL, há uma relação clara da intelectual a serviço da política. Os políticos têm ideias, e nós estamos aqui para ajudá-los a encontrar maneiras eficazes de atingir seus objetivos.

Essa proposta é uma postura um pouco diferente da que tive durante toda a minha carreira acadêmica, porque se trata de uma proposta política, não apenas técnica. Pode ser criticada ou melhorada. Ao apresentá-la, não torno uma espécie de porta-voz da ciência atual.

Por que a sra. escreveu uma série de livros infantis sobre pobreza? As leituras da infância são marcantes. O que vemos nos impressiona, nos choca e nos desafia. Foi essa a minha experiência.

Outro motivo à literatura atual sobre pobreza e questões ambientais não se dá os melhores. Tende a ser demasiado didática ou caricatural. Queria mostrar a riqueza da vida das pessoas pobres. Conscientizar as crianças dos problemas da pobreza e das soluções — por que todos os meus livros oferecem soluções — só que sutilmente.

Em conferência recente, a sra. falou de um "efeito Bolsonaro" com "efeito Lula" em relação ao desmatamento. A sra. quer se preocupa com o meio ambiente mais que a direita? A política, como a ciência, é uma decisão política entre outras decisões. Quanto a Bolsonaro e Lula, são duas personalidades específicas. Não acho que

As temperaturas já aumentaram. Os danos já estão acontecendo. Precisamos agir hoje. Até agora, temos demonstrado uma total incapacidade de lidar com esse problema

Taxar grandes empresas ou bilionários para ajudar os países pobres a lidar com as mudanças climáticas tem mais de 80% de popularidade. Vai além de direita ou esquerda. É senso comum

Bolsonaro seja representativo da direita, assim como Lula não é necessariamente representativo da esquerda. É verdade que, se observarmos as propostas, os governos de direita tendem em geral a não defender tanto a ecologia quanto os de esquerda. Mas isso não basta para dizer que a direita é menos ecológica que a esquerda.

A sra. parece cética em relação a abordagens baseadas em compromissos voluntários para cumprir as metas de emissões por país. Está pessimista em relação à COP em Belém? Discutem-se muitos os termos dos compromissos finais, e, na diplomacia, muitas vezes, o comunicado é o que conta. Não sei o que teria acontecido sem as COPs, mas o esforço tem sido muito lento em comparação com a dimensão da necessidade.

Em relação à compensação para os países pobres, está muito para mim que não é suficiente e deveríamos fazer melhor e imediatamente. Mas não há só o imposto sobre o carbono. Há também, em tese, a possibilidade de um sistema de cotas por país. Esse era o princípio do Protocolo de Kyoto, que não deu certo.

A solução mais justa pareceria ser cotas com base na população de cada país. Se conseguíssemos isso, minha proposta não seria mais necessária, porque haveria uma transferência absolutamente maciça para os países mais pobres. Só que não parece estar em pauta.

A sra. lamenta isso? Lamento, mas é preciso encontrar o melhor caminho. Não sou ingênua. Todo o meu trabalho sempre foi sobre o meio ambiente dentro das restrições políticas. O que não quer dizer que não se deve sonhar com sistemas melhores. Tem gente que pode e deve fazer isso, mas trabalhará sempre fora do melhor dentro do sistema muito imperfeito existente.

Recentemente, uma reforma tributária foi aprovada no Brasil para simplificar um sistema considerado muito complexo. Esse tipo de reforma pode desempenhar um papel na redução da pobreza? Não estou [a reforma brasileira], mas ter um sistema mais leve, que unifique diferentes impostos e possibilite calcular a verdadeira extensão da redistribuição, possibilita um debate sobre as questões reais. Na França, temos um imposto de renda progressivo, mas também temos um monte de impostos "flat", o que pode tornar seu caráter redistributivo obscuro.

Qual mensagem a sra. deseja transmitir em Washington? Para mim, é fundamental apresentar essa proposta diante dos ministros das Finanças para obter uma reação. Forçá-los a dizer sim ou não e por quê. Isso coloca a proposta oficialmente no debate público. Espero que isso semboque em uma declaração de G20 neste ano, que seria um passo importante para a concretização da proposta.

Minha mensagem mais importante seria: "Vocês representam os países responsáveis pelas mudanças climáticas, que já estão ocorrendo de maneira mais eficaz de combater as mudanças climáticas, vocês precisam encontrar uma forma de compensar as pessoas mais pobres por meio de mecanismos sustentáveis, porque os voluntários não deram certo. Este é um passo importante para o futuro da humanidade. Mas existem duas fontes de financiamento justas, realistas, populares, que nos permitiriam arrecadar US\$ 500 bilhões de dólares por ano para proteger vidas". **4**